

POR QUE SÊNECA ESCREVEU EPÍSTOLAS?

INGEBORG BRAREN*

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo

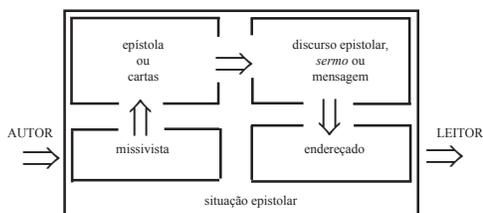
RESUMO: *A epistolografia é considerada como um gênero particular da literatura. Presta-se aos mais diferentes desempenhos da linguagem escrita de acordo com as necessidades do homem em razão de sua característica específica: estabelecer comunicação entre pessoas ausentes, como uma das partes de um diálogo. Pode-se, no entanto, esquematizá-la. Sêneca serviu-se deste veículo em suas Epístolas Morais para apresentar os principais temas da filosofia estoica com o vigor de um discurso e de uma teoria renovados.*

PALAVRAS-CHAVE: *epistolografia; Sêneca; epístolas morais; estoicismo.*

É por volta de 62 a 64 d.C. que Sêneca (*Lucius Annaeus Seneca*, 1 a.C.-65 d.C.) escreve as *Epístolas Morais*. Depois de produzir tratados filosóficos, obras de cunho científico, consolações, tragédias e uma sátira, por que escrever agora epístolas? A primeira resposta é aparentemente fácil. Epístolas permitem oferecer doutrinação filosófica sem o necessário rigor de um plano de redação de um tratado filosófico. As epístolas se sucedem ao sabor das reflexões do momento. O conteúdo não necessita seguir uma ordenação global única. Diferentes assuntos podem ser tratados topicamente, desde que obedeçam à proposta pedagógica de ensinar o caminho para a sabedoria segundo um propósito determinado à doutrinação segundo os moldes do estoicismo. Uma segunda resposta pode ser obtida a partir do exame do modo como as epístolas foram escritas. A própria forma epistolar, com todas as suas implicações, é adequada às exigências de Sêneca.

Epístolas ou cartas têm características particulares. Por força da natureza do gênero, é obrigatório haver um emissor e um destinatário, ambos explícitos, mesmo que sejam anônimos ou coletivos, estabelecendo a situação epistolar. O circuito

epistolográfico, que se desenvolve em uma relação *eu-tu*, obedece ao seguinte roteiro esquemático:



O autor, que é o sujeito empírico produtor do texto, pode ser único, impessoal, múltiplo ou anônimo. O missivista é o enunciador autorizado, explícito, que se materializa, cria tempo e espaço mediante um discurso. Do mesmo modo, o endereçado pode ser a figura explícita ou implícita do discurso. Quanto à distinção entre cartas e epístolas, desde longa data é um dos grandes problemas da Epistolografia. De maneira geral, convencionou-se considerar a carta como um escrito sem aspirações literárias, é consagrada ao destinatário em particular e, por isso mesmo, com a propriedade de aproximar pessoas distantes. A epístola, dirigida com intuítos literários, destina-se ao público em geral, ou pelo menos a um determinado público. Em 1923, A. Deissmann pretendeu precisar melhor essa distinção estabelecendo que a carta faz parte da vida e a epístola é testemunho de arte, assim a diferença entre carta e epístola é como entre natureza e arte (Thraede, 1970, p.1-3). Como há inúmeras possibilidades entre tais limites, fica extremamente vaga a classificação de toda a produção intermediária e o próprio Deissmann foi obrigado a admitir tipos mistos de cartas (*Mischgattungen*). Atualmente, de um modo muito amplo, Scarpat mantém a divisão tradicional em duas grandes categorias, cartas públicas (*publicae*) e cartas particulares (*priuateae*) (Scarpat, p. 499). Embora não satisfaça, aqui é suficiente, apenas a título de informação.

Do ponto de vista do conceito de Epistolografia na Antigüidade Clássica, não nos restou, infelizmente, uma teoria antiga específica e sistematizada sobre a epistolografia. Não contamos com muito mais do que o *excursus* de Demétrio sobre o estilo (Demetrius, 1927, p. 223-35); um texto de outro Demétrio (*Tupoi epistolikoi*, 2 19 - 3 15), observações esparsas de autores antigos, principalmente de Cícero e deduções obtidas a partir de como os antigos escreveram cartas e epístolas. Mais tarde, no século IV d.C., o retor Júlio Victor e o bizantino Josefos incluíram a Epistolografia no sistema da Retórica (Sykutris, 1931, col. 189).

Se considerarmos a antiga definição de Artêmio, o editor das cartas de Aristóteles, de que carta é parte de um diálogo juntamente com referências de Cícero de que nelas o autor parece estar conversando com o amigo ausente, *conloquia absentium* (Cic. *Fil.* 2, 7, 4), teremos um bom ponto de partida, pois verifica-se que é muito comum o *eu* dirigir-se a um *tu*, como, na conversa, o locutor ao alocutado. Ademais, parecer dar a sensação de que o amigo está momentaneamente presente, *praesentia absentium* (Cic. *Att.* 9, 10, 1; *Att.* 12, 53; *Fam.* 15, 19, 1) é outro tópico freqüente na epistolografia.

Na verdade, o extraordinário de um texto epistolográfico são as marcas que estabelecem a ligação entre o próprio autor da carta e o missivista, o enunciador natural em primeira pessoa, seja em qualquer nível que ocorrer. Procuramos conhecer os sinais de identificação reveladores da personalidade, da ideologia ou da filosofia do *eu* que fala. No caso da Antigüidade Clássica, o texto é tudo ou quase tudo que temos. Fornece-nos o material de investigação que será tanto mais vivo quando melhor estabelecer a comunicação, principal requisito do discurso epistolográfico (quer a comunicação seja efetuada com o endereçado, quer seja com o leitor).

Embora Sêneca, em suas epístolas, tenha manifestado muito pouco de sua vida particular, é difícil examiná-las sem procurar informações históricas e vestígios de seu prestígio pessoal. O contexto tem a propriedade de emoldurar o discurso epistolográfico. Sabemos que o filósofo romano se engajou na vida cívica, atuou na política, respirou o ar do autoritarismo da dinastia júlio-claudiana, mas a chave de sua obra epistolográfica é o pensamento fiel aos princípios fundamentais da filosofia estoíca, que abraçara desde sua juventude, que implica em pôr em prática a *Seelenleitung*.

De fato, quanto ao conteúdo, as epístolas oferecem o longo percurso sobre como deve ser o aprendizado da sabedoria. Aquele que se propõe empreendê-lo é *proficiens*. Tal aprendizado está fundamentado na moral estoíca, no que tange à postura inquebrantável do homem diante do infortúnio, atitude esta proveniente do domínio da razão sobre as emoções (*affectus*).

Quanto à composição, as epístolas se estruturam sobre reflexões de vários temas, como o preço do tempo, o sentido da morte, o medo da morte, o valor da amizade, a disposição para suportar a pobreza e a riqueza, os sofrimentos, e outros assuntos que são tratados de acordo com o estoicismo. O método utilizado consiste em convencer Lucílio, o endereçado das epístolas, a dar o devido valor à virtude, a atribuir à razão o julgamento do bem e do conveniente e assegurar a calma interior.

Por exemplo, a “Epístola 1” é uma amostragem do tratamento que Sêneca confere a temas que ficam no perímetro circunscrito à vida prática e à vida interior.

Ao lê-la, pode-se perguntar se apresenta coerência entre o postulado doutrinário e se evidencia as preocupações pessoais do filósofo, uma vez que Sêneca, retirado da vida política, escreve a seu amigo para demonstrar-lhe, com sensibilidade, que está cumprindo os deveres da verdadeira amizade.

Aliás o sentimento de *philia* é o mais comum na caracterização da situação epistolar, considerando tal situação como a moldura que circunscreve o texto epistolográfico. Sêneca é movido por genuíno interesse pela formação espiritual do endereçado. O discurso epistolográfico aproxima as pessoas e basicamente transmite a energia interior do seu ator.

Não se deve, entretanto, esquecer outro tópico importante fornecido pela epistolografia antiga que consiste em considerar que a finalidade de uma carta é ofertar algum brinde, tópico condensado por Cícero em poucas palavras: *polliceri aliquid* “ofertar algo” (Cic. *Fam.* 4, 13, 6; *Fam.* 6, 10, 6). De certa forma, é o que se encontrará na “Epístola 1”. De fato, ela oferece parentese, além de máximas e *sententiae* dignas de meditação. Lembre-se que pertencem à função parentética, segundo Posidônio, a *praeceptio*, *suasio*, *consolatio*, *exhortatio*, *inquisitio causarum* e *ethologia* (Hadot, 1968, p. 8-9).

Verifica-se que a “Epístola 1” desempenha o papel de introdução de toda a obra epistolográfica que chegou aos nossos dias, exatamente porque configura uma proposta de vida, abordando um dos grandes problemas do homem: a passagem inexorável do tempo em relação à vida humana.

A construção desta epístola está modelada sobre oposições a partir das palavras iniciais: *reuindica te tibi tempus*. De um lado, está o ser humano em contexto temporal e, de outro, o conceito do tempo, em contexto pontual. Por esta razão a ênfase expressiva é conferida aos dois objetos diretos do verbo *uindicare*, *te* e *tempus*, um é a pessoa endereçada, que aqui pode ter dimensões universais, e o outro, o assunto da epístola, o tempo, cujo preço, inestimável e insubstituível, será demonstrado a partir da seguinte linha de raciocínio:

1. o tempo passado já não nos pertence, faz parte do domínio da morte;
2. todas as coisas não nos pertencem (*omnia aliena sunt*);
3. o único bem que possuímos, frágil e fugidivo, é o momento presente;
4. todos os bens podem ser objeto de devolução, menos o tempo.

Estas reflexões, por seu conteúdo, configuram um verdadeiro brinde do filósofo ao leitor. Este é o aspecto da epistolografia de Sêneca que mais se evi-

dência nas epístolas, o oferecimento de um ensinamento ou de um pensamento elevado.

Mediante o interesse do conteúdo sublime, a epístola estabelece contato, faz ponte direta entre missivista e endereçado, cumpre sua pontual obrigação de comunicar, e oferece o resultado de uma maturação pessoal de Sêneca sobre uma questão inquietante para o homem, o valor do tempo, em contexto humano, reflexão esta que se converte em oferta de brinde para o endereçado e, por extensão, para os leitores da epístola.

NOTA

- * Professora Doutora de Língua e Literatura Latina do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas e do Curso de Graduação da FFLCH-USP.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANCIK, H. *Untersuchungen zu Senecas Epistulae Morales*. Hildesheim: G. Olms Verlag, 1967.
- CIZEK, E. *L'époque de Néron et ses controverses ideologiques*. Leiden: E. J. Brill, 1972.
- DEMETRIUS. *On Style*. Translated by W. R. Roberts. London: The Loeb Classical Library, 1927.
- GRIMAL, P. *Sénèque ou la conscience de l'empire*. Paris: Les Belles Lettres, 1979.
- HADOT, I. *Seneca und die griechisch-römische Tradition der Seelenleitung*. Berlin: W. de Gruyter, 1968.
- LONGIN. *Du sublime*. Traduction, présentation et notes par J. Pigeaud. Paris: Petite Bibliothèque Rivages, 1991.
- MAURACH, G. *Der Bau von Senecas Epistulae Morales*. Heidelberg: C. Winter, 1970.
- SCARPAT. L'epistolografia. In: -. *Introduzione allo Studio della Cultura Clasica I*. Milano.
- SYKUTRIS, J. Epistolographie. *Paulys Wissowa Real Encyclopaedie*. sup. 5, col. 185-229, 1931.
- TRAEDE, K. *Grundzüge griechische-römischer Brieftopik*. München: Zetemata, 1970.

BRAREN, Ingeborg. *Pourquoi Sénèque a écrit des épîtres?*

RÉSUMÉ: *L'épistolographie est considérée comme un genre spéciale de la littérature. Il est utilisé dans différents domaines du langage écrit selon les besoins de l'homme en raison de sa caractéristique spécifique: établir une communication entre personnes qui sont absentes comme une des parties d'un dialogue. Cependant, nous pouvons la schématiser. Sénèque a utilisé de ce véhicule aux Epistulae Morales pour présenter les principaux thèmes de la philosophie stoïque avec la vigueur d'un discours et d'une théorie renouvelés.*

MOTS-CLÉS: *epistolographie; Sénèque; épîtres morales; stoïcisme.*